

A CONCHA DE MINHA AVÓ

Faith Andrews Bedford

Acima de minha lareira, há um quadro de uma menina com uma concha de mar na mão, Ela a segura contra a luz, e os raios de sol atravessam sua estrutura, conferindo um tom rosa acetinado à lisa superfície interna. Seja qual for a estação do ano, a luz do Sol pintada no quadro traz a luminosidade do verão para dentro de meu estúdio.

Ao olhar para à pintura, eu me lembro de sua história. A menina está posando para seu pai, um pintor. Ela sente os braços pesados, o pescoço dolorido e anseia por um pouco de descanso.

– El, El, olhe dentro da concha – murmura o pai, e ela se lembra do grande privilégio de posar para ele, da grande procura dos quadros dele por muita gente. – Só mais um pouquinho – ele promete – e vamos fazer uma pausa para o chá.

Eleanor era minha avó, e o quadro – um daqueles dos quais seu pai não abriu mão – tem sido passado de geração a geração. Pelo que me lembro, a concha pintada no quadro ficava em cima da escrivaninha de minha avó. No inverno, quando a neblina gelada do mar chegava à praia, minha avó segurava a concha contra a lâmpada, e seu tom rosado brilhante voltava a aquecê-la com o calor do verão.

Vovó encontrou a concha na praia rochosa de uma pequena ilha no Maine, onde se localizava a casa de verão de sua família. Após a névoa prateada da manhã ter-se dissipado, ela corria em companhia de suas irmãs e de seu irmão pelas campinas empinando pipa colhendo flores silvestres ou catando lá dos carneiros selvagens da ilha que ficavam presas nos arbustos. As crianças procuravam amoras pretas e, em companhia do pai, observavam os pássaros. Ele lhes ensinava os nomes dos pássaros e o cântico de cada um. Depois do chá, exploravam as praias extensas à procura do tesouro do pirata. Foi em uma dessas aventuras que vovó encontrou a concha, polida pelas ondas do mar, alvejada pela luz do Sol. Seguindo o exemplo de gerações anteriores, ela levava a concha ao ouvido para escutar o barulho do mar.

Na época em que minha mãe nasceu, vovó já havia deixado para trás aquela casa na ilha e encontrado uma nova residência de verão para seus filhos. Eles passavam horas navegando em pequenos barcos, cavalgando pôneis através dos pântanos e pegando conchas na praia de areia branca que circundava a Baía de Cape Cod. Em sua nova casa, vovó recriou várias coisas de sua amada infância: espalhou sementes de flores silvestres nas campinas, delimitou a área do terreno e plantou amoras pretas. Da varanda, ela avistava o rio de maré e os gaviões-pescadores fazendo seus ninhos no alto dos pinheiros.

Quando nós, os netos, começamos a chegar, ela separou uma parte do jardim para sentirmos a alegria de plantar verduras, legumes e flores. Como ficávamos orgulhosos quando colocávamos sobre a mesa de refeições um prato de rabanetes – raízes redondas e vermelhas, lavadas e escovadas –

plantados por nós! A mesa ficava ainda mais bonita com os vasos cheios das flores também plantadas por nós. Vovó nos ensinou como chamar os pássaros e nos contou que, com a chegada do verão, eles voltavam para os bosques e campinas de propriedade dela, da mesma forma como nós fazíamos. E ela nos permitia ouvir o barulho do mar em sua concha.

No outono, quando minha família e eu retornávamos para nossa casa no meio-oeste, eu sentia saudade dos ruídos da praia. O grito das gaivotas pairando acima do mar e o sibilo do vento eram tão vívidos que eu parecia sentir a presença deles. O odor penetrante do ar marinho era substituído pela fumaça das folhas queimadas. Porém, minha maior saudade era das marés e da tranquilidade do local. Minha avó sabia disso.

Em determinado ano, logo após o Dia de Ação de Graças, o carteiro trouxe uma caixa grande postada em Massachusetts. Mamãe a escondeu no lugar secreto onde ela guardava todas as caixas que chegavam no mês de dezembro. Na manhã de Natal, abri o presente de minha avó e vi, embrulhada em papel de seda, a delicada concha rosada e branca. Peguei-a e levei-a ao ouvido. Lá estava o mar, com seu barulho característico. Lá fora, a neve caía mansamente pela janela, mas na concha, encostada em meu ouvido, as ondas batiam na praia em um dia de verão.

Nesse ano, ganhei uma netinha. Seu nascimento anuncia o início de uma nova geração. Quando ela vier me visitar, vou segurar a concha perto de sua orelhinha, e ela ouvirá o som que sempre atraiu as mulheres de nossa família para o mar. É o som do coraçãozinho dela.

Ao fazer unia retrospectiva de uma vida, você descobrirá que os momentos em que viveu realmente foram aquele, ' nos quais fez coisas com espírito de amor.

HENRY DRUMMOND